

Wittgenstein e Strawson: análise terapêutica e análise gramatical

Lyon Alves

Mestrando em Filosofia [UNISINOS]

alves_lyon@outlook.com

Resumo: A obra de Strawson apresenta uma estreita relação com a obra tardia de Wittgenstein; desde o início de sua formação acadêmica em Oxford o seu pensamento e posicionamento tomou por base o filósofo austríaco. No entanto, Strawson se distancia da visão filosófica de Wittgenstein e oferece uma perspectiva diferente frente ao modelo terapêutico deste autor. A filosofia como análise gramatical é a posição strawsoniana no que diz respeito ao uso e base mínima dos nossos conceitos, mas muito de seu desenvolvimento se assenta no compromisso já apresentado por Wittgenstein. Sabendo da influência exercida por Wittgenstein na visão filosófica de Strawson, e que este considera que o objetivo wittgensteiniano é também o seu, urge identificar o ponto central que Strawson toma como sendo negativo na morfologia do filósofo austríaco e como ele reorienta tal posição para uma análise gramatical. O presente artigo, por meio de pesquisa bibliográfica, irá descrever como a influência de Spengler e Goethe forneceram dois eixos centrais na morfologia de Wittgenstein, e como a mudança desenvolvida por Strawson modificam esses eixos, bem como, à luz dessas influências, quais desses eixos presente na filosofia terapêutica parece ser o ponto de ruptura da filosofia de Strawson como uma análise gramatical. Os resultados nos permitem afirmar que a alteração da perspectiva terapêutica para a análise gramatical é predominantemente uma de modificação por parte de Strawson do eixo morfológico de Wittgenstein, o que resulta na concepção de conceitos a-históricos ou implícitos defendidos na possibilidade descritiva da filosofia strawsoniana.

Palavras-chave: Wittgenstein; Strawson; Terapêutica; Análise gramatical; Morfologia.

Introdução

Strawson cita em sua autobiografia¹ que Wittgenstein é um dos pensadores com maior influência em sua visão sobre qual deve ser a tarefa filosófica em geral. Para ele, Wittgenstein foi quem melhor entendeu como tal tarefa deve ser realizada, e desde o início de sua formação acadêmica em Oxford o seu pensamento e posicionamento tomou por base o filósofo austríaco. Nas palavras do filósofo da era de ouro de Oxford:

[...] se eu compartilho da concepção de alguém sobre qual deve ser nosso objetivo ou objetivo filosófico geral, é, se o entendi corretamente, o de Wittgenstein, pelo menos em sua última fase. Ou seja, o nosso negócio essencial, se não o único, é obter uma visão clara do funcionamento de nossos conceitos ou tipos de conceitos mais gerais e de seu lugar em nossas vidas. Em suma, deveríamos estar objetivando a autocompreensão conceitual humana geral. (STRAWSON, 2019a, p. 18)

No entanto, Strawson se distancia da visão filosófica de Wittgenstein e oferece uma perspectiva diferente frente ao modelo terapêutico deste autor. A filosofia como análise gramatical é a posição

1 Cf. STRAWSON, P. F. *A Bit of Intellectual Autobiography*. In: GLOCK, Hans-Johann (Ed.). *Strawson and Kant*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

strawsoniana no que diz respeito ao uso e base mínima dos nossos conceitos, mas muito de seu desenvolvimento se assenta no compromisso já apresentado por Wittgenstein. Urge, portanto, a necessidade de compreender em quais aspectos Strawson é um pensador que desenvolve uma filosofia analítica como uma continuidade ou reinterpretção do pensador austríaco, e quais são as oposições ou alterações de paradigma frente a este mesmo autor. Nosso objetivo é apresentar os processos de influências que parecem ser o eixo central entre Wittgenstein e Strawson, com o objetivo de tornar mais inteligível as semelhanças e dissemelhanças entre suas posições. Dividiremos o tema em três pontos, no primeiro apresentaremos a influência de Goethe e Spengler em Wittgenstein; em um segundo momento descreveremos a influência de Wittgenstein no pensamento de Strawson, e por último ressaltaremos a alteração presente entre a terapêutica wittgensteiniana e a filosofia como análise gramatical segundo Strawson.

5. Influência de Goethe em Wittgenstein

Quando estamos diante da obra de Wittgenstein um ponto difícil para o leitor é identificar as influências e referências básicas da obra, essa dificuldade já nos é apresentada por ele no prefácio de seu famoso livro *Tractatus*.

Quanto meus esforços coincidem com os de outros filósofos não quero julgar. Com efeito, o que escrevi aqui não tem, no pormenor, absolutamente nenhuma pretensão de originalidade; e também não indico fontes, porque me é indiferente que alguém mais já tenha, antes de mim, pensado o que pensei. (WITTGENSTEIN, 2020, p. 125)

Como podemos perceber, a indiferença ao que já foi dito antes dele e a distância que ele aponta para uma pretensão de originalidade nos coloca diante de um autor engenhoso e enigmático. O conteúdo de sua obra é uma reprodução, uma reorganização segundo sua própria definição do que deve ser a filosofia.

No que diz respeito ao escopo aqui desenvolvido, a saber, as influências entre Wittgenstein e Strawson, encontramos-nos diante de dois autores que indicam não terem feito grandes afirmações. Wittgenstein diz apenas ter reproduzido ideias pelas quais ele se apaixonou²; já Strawson diz que seu ponto de vista já era algo presente nos anos 50, e que chega até mesmo ser um truísmo (STRAWSON, 2019a, p. 20). Diante disso um mapeamento das influências se faz necessário, e o nosso interesse, mesmo que estejamos apenas reorganizando e conectando pontos já descritos em artigos sobre o tema, ou em biografias, autobiografias e livros desses autores em questão, é identificar o ponto de ruptura da filosofia strawsoniana em relação à terapêutica Wittgensteiniana.

Nuno Ribeiro em seu artigo *Goethe, Spengler e a morfologia da linguagem em Wittgenstein*, nos apresenta a grande influência que a concepção morfológica de Goethe possui em seu desenvolvimento após seu retorno a Cambridge em 1929.

Wittgenstein afirma [...] que aquilo que a sua filosofia procura fazer é fornecer a morfologia do uso de uma expressão. O desenvolvimento da morfologia do uso de uma expressão em Wittgenstein viria a ser o resultado de uma aplicação ao domínio da linguagem do conceito de morfologia aplicado por Goethe, nos seus escritos científicos, ao domínio da natureza e por Oswald Spengler ao campo da história universal [...]. (RIBEIRO, 2017, p. 173)

A influência morfológica de Goethe em Wittgenstein se deu por meio do livro de Spengler *A decadência do ocidente*, podemos, também, considerar a obra de Goethe *A metamorfose das plantas*, que é a base para ambos os autores [Wittgenstein e Spengler]. O conceito central de morfologia

2 "I think there is some truth in my idea that I am really only reproductive in my thinking. I think I have never invented a line of thinking but that it was always provided for me by someone else & I have done no more than passionately take it up for my work of clarification" (WITTGENSTEIN, 1998, p. 16).

que atravessa a obra tanto de Spengler, quanto de Wittgenstein, possui raízes na seguinte definição de Goethe³:

Morfologia [:] reside na convicção de que tudo o que existe se deve também indicar e mostrar por si próprio. Desde os primeiros elementos físicos e químicos, até à exteriorização anímica dos homens afirmamos que este princípio é válido. Voltamo-nos logo para aquilo que tem forma. O inorgânico, o vegetativo, o animal, o humano todo se indica a si próprio, aparece tal como é ao nosso sentido externo e interno. A forma é algo em movimento, algo em devir, algo em passagem. A doutrina da forma é a doutrina da transformação. A doutrina da metamorfose é a chave para todos os sinais da natureza. (GOETHE, 1987, p. 349)

O pensamento wittgensteiniano, conforme nos apresenta Ribeiro (2017), é uma reprodutibilidade da morfologia de Goethe, que versa sobre o processo natural dos conceitos que podemos trabalhar externamente, com o acréscimo da modificação por parte de Spengler [mesmo que não tomada em totalidade por parte de Wittgenstein] da morfologia de Goethe ao campo histórico humano. Portanto, a influência de Goethe e Spengler na filosofia de Wittgenstein se deu tomando por base dois pilares, que possuem importância central no desenvolvimento morfológico do pensador austríaco, que são: 1) Transpor para a linguagem o método aplicado por Goethe ao domínio das ciências naturais [Goethe, *A metamorfose das plantas*, 1790]; 2) Transpor para a linguagem o método aplicado por Spengler ao campo da história universal [Spengler, *A decadência do ocidente*, 1918].

Assim, tendo em consideração todos os elementos apresentados, o pensamento de Wittgenstein viria a reapropriar-se dos dois elementos supra mencionados presentes na caracterização goethiana do método morfológico: primeiro, que tudo o que existe se mostra por si próprio, sendo, portanto, que não existe algo escondido por detrás dos fenômenos; segundo, que tudo se encontra em movimento e que, por conseguinte, a compreensão de um determinado fenômeno implica a compreensão das diversas modificações desse mesmo fenômeno, assim como das múltiplas conexões de um fenômeno com os demais fenômenos. (RIBEIRO, 2017, p. 179).

A centralidade de uma concepção morfológica naturalista que se debruça sobre o que se mostra por si próprio, bem como a prática do uso justificada pelas múltiplas ligações possíveis em movimento, estão no núcleo do desenvolvimento da morfologia wittgensteiniana, pois ela é uma recondução das “palavras do seu emprego metafísico para seu emprego cotidiano” (WITTGENSTEIN, 2020, §116), bem como uma resposta à questão sobre *o que é a filosofia*, pois em sua definição,

A filosofia não deve, de modo algum, tocar no uso efetivo da linguagem; em último caso, pode apenas descrevê-lo. Pois também não pode fundamentá-lo. A filosofia deixa tudo como está. (WITTGENSTEIN, 2020, §124)

Obviamente o que estamos considerando aqui são apenas os movimentos de influência, o que dado o espaço não podemos tornar mais ampla, mas ao menos em termos básicos o ponto norteador da morfologia wittgensteiniana parece, em seu caráter inicial, estar relacionado com as influências aqui descritas. Cabe agora apresentar sucintamente a influência de Wittgenstein em Strawson, e como este entende o processo terapêutico do filósofo austríaco.

6. A influência de Wittgenstein em Strawson

Strawson que é considerado um dos grandes filósofos da era de ouro de Oxford, desde o início de sua formação acadêmica teve grande contato com as obras de Wittgenstein e com cópias piratas das aulas ministradas por ele em Cambridge após 1929.

³ Wittgenstein afirma, no decurso das lições sobre a filosofia da psicologia, ocorridas entre 1946 e 1947, que aquilo que a sua filosofia procura fazer é fornecer a morfologia do uso de uma expressão.

Embora *On Referring* tenha vindo a público três anos antes das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein, Strawson já havia sido exposto à metodologia madura do filósofo austríaco indiretamente, sobretudo por intermédio de seu mestre, Gilbert Ryle. (TECHIO, 2019, p. 193)

O contexto filosófico [Reino Unido] de Strawson tinha como tema central a definição do papel da filosofia por meio da pergunta “*o que é a filosofia?*” Esse tema era visto em grande modo de duas maneiras distintas, que gravitava em torno de duas concepções centrais, as de Austin e de Wittgenstein, duas posições emergentes no período. Em Oxford as duas tendências também norteavam o método de pesquisa na qual Ryle⁴ se destacava em oposição teórica a Austin. Strawson, sob a orientação de Ryle, se aproximou da filosofia wittgensteiniana, principalmente em sua fase tardia (TECHIO, 2019, p. 190).

A proximidade e derivação da visão de Wittgenstein é latente na obra strawsoniana, o próprio Strawson afirma em sua autobiografia que se há um objetivo filosófico que ele toma de alguém é exatamente o de Wittgenstein.

[...] se eu compartilho da concepção de alguém sobre qual deve ser nosso objetivo ou objetivo filosófico geral, é, se o entendi corretamente, o de Wittgenstein, pelo menos em sua última fase. (STRAWSON, 2019a, p. 18)

Como afirma Strawson, o núcleo de interesse de Wittgenstein é, também, o seu, no entanto, há uma clara oposição de sua parte ao método wittgensteiniano de sistematizar a linguagem desconsiderando aspectos implícitos da linguagem; para Wittgenstein, uma vez que não há nada a ser elucidado no núcleo do conceito, o que importa é o uso efetivo, e sua conexão natural e sua estrutura de interconexões, ou visão panorâmica do uso de nossas palavras (WITTGENSTEIN, 2020, §122). A estrutura pensada por Wittgenstein, o seu aporte naturalista e sua visão pragmática, também são consideradas pelo próprio Strawson. O filósofo londrino considera que tal método possui um aspecto necessário de clarificação do uso dos conceitos, mas defende uma noção que irá retomar uma discussão que Wittgenstein não considera ser parte do desenvolvimento filosófico, exatamente por seu pensamento estar fundamentado no eixo transposicional morfológico goethiano.

Strawson não pretende refutar a concepção terapêutica de Wittgenstein, ele aponta que ela é necessária, e afirma que ela possui seus méritos, porém, ele compreende o processo terapêutico apenas como um sistema negativo. Cita Strawson:

Essa concepção, a figura do filósofo como terapeuta, pode parecer muito implausível, chocante talvez; é, no mínimo, exagerada e unilateral; [...]. Mas merece que a consideremos um pouco mais; pois também tem os seus méritos. Instigou questões para as quais os seus defensores ofereceram respostas. São elas: como é que esses desarranjos surgem? Que formas assumem? E como é que se curam ou corrigem? De forma geral: Como é que se cai no impasse filosófico típico? E como se sai dele? (STRAWSON, 2002, p. 16)

Strawson defende que Wittgenstein minimizou algumas características comuns que fazem parte de nossa estrutura geral. A posição terapêutica de Wittgenstein é reavaliada no livro *Análise e Metafísica*, na qual Strawson sugere, com o propósito de considerar elementos “submersos” na linguagem, uma *análise gramatical*. Com essa posição Strawson quer seguir um caminho diferente de Wittgenstein, pois ele considera que Wittgenstein, na tentativa de reorientar o uso da nossa linguagem, acabou dando uma definição exagerada de sua aplicabilidade no que diz respeito à consideração parcial de nossa estrutura psicológica; a ansiedade, segundo Strawson, é o ponto fraco de Wittgenstein.

4 “In 1929, at the Joint Session of the Mind Association and the Aristotelian Society in Nottingham, Ryle first met, and struck up a friendship with, Wittgenstein, which substantially affected his subsequent philosophy”. (HACKER, 1996, p. 91).

A ansiedade de nos libertar de falsas teorias levou Wittgenstein, como penso, a minimizar ou descartar, ou, pelo menos, dar muito pouco reconhecimento a algumas características comuns de nossa experiência e de nosso pensamento não-filosófico ordinário” (STRAWSON, 2019a, p.19).

O interesse de Strawson está dentro da reformulação da discussão metafísica, e por meio de sua teoria de uma metafísica descritiva ele pretende expor as bases do nosso esquema conceitual, pois para ele,

Até certo ponto, a confiança em um exame atento do uso real das palavras é o melhor e, de fato, o único caminho seguro na filosofia. Mas as discriminações que podemos fazer e as conexões que podemos estabelecer dessa maneira não são suficientemente gerais, nem são suficientemente extensas para satisfazer as exigências metafísicas completas de entendimento, depois, quando perguntamos como usamos essa ou aquela expressão nossas respostas embora reveladoras em um determinado nível, tendem a supor, e não a expor, aqueles elementos gerais da estrutura que o metafísico quer revelado. A estrutura que ele procura não se mostra na superfície da linguagem de imediato, mas jaz submersa. (STRAWSON, 2019a, p. 14)

Strawson sugere que há um aspecto de avaliação explícito e outro implícito da linguagem, a primeira desconsidera qualquer busca submersa na linguagem, pois tudo o que tem de ser avaliado de certa forma já está à mostra; a segunda tenta apresentar um aspecto positivo [não obstante os inúmeros problemas que se levantam] subjacente ao pensamento, e que não se abarca por uma teoria do seu emprego.

Quando a primeira gramática do espanhol, ou melhor do castelhano, foi apresentado à Rainha Isabel de Castela, a reação foi perguntar para que servia. A resposta dada em nome do gramático levou em conta a história mundial, referindo-se à linguagem como instrumento a serviço do império — mas não precisamos mais de nos preocupar com isso. (STRAWSON, 2002, p. 18)

Strawson não se opõe ao conhecimento explícito, pelo contrário, ela é uma importante ferramenta de correção do uso dos conceitos. O que se pode retirar da citação acima é a ideia central que sustenta o que ele quer apresentar por análise gramatical, tal sistema de análise é a-histórica, não é um método que busca delimitar ou elucidar o campo dos termos tendo como foco a correta utilidade; sua preocupação é “mostrar as diferenças e semelhanças entre os vários departamentos da vida intelectual humana. Desse modo, as duas tarefas fundem-se numa só” (STRAWSON, 2002, p. 28).

Há, portanto, uma separação que vai se desenhando na densa e ampla obra de Strawson. Ele não pretende realizar uma decomposição conceitual, pois seu interesse é na relação tri-departamental [epistemologia, ontologia e lógica] presente naturalmente e uma estrutura mínima, espaço-temporal, para o uso intersubjetivo de particulares. Mas se a terapêutica, que segundo ele, é o caminho mais seguro na filosofia, é nada mais que uma face negativa de análise, como a inserção do aspecto positivo de uma análise gramatical irá se sustentar? Qual o eixo de alteração da influência Wittgensteiniana Strawson pretende reformular? A resposta envolveria uma ampla pesquisa e discussão, mas tentarei expor aquilo que se apresenta como a noção hermenêutica básica diante da própria exposição de Strawson referente à análise terapêutica.

7. O eixo histórico

Afirmamos, com base no artigo de Nuno Ribeiro, que a morfologia de Wittgenstein possui dois eixos oriundos da influência de Goethe e Spengler: transpor para a linguagem o método aplicado por Goethe ao domínio das ciências naturais e transpor para a linguagem o método aplicado por Spengler ao campo da história universal. Não é possível assegurar se Strawson sabia ou não dessa ligação, ao menos nas bibliografias aqui consideradas o autor londrino indica semelhanças entre Hume e Wittgenstein no que diz respeito ao eixo naturalista,

E naturalmente, existem diferenças entre Hume e Wittgenstein. Por exemplo, em Wittgenstein não encontramos nenhuma repetição explícita do apelo bastante explícito de Hume à natureza. Mas, como veremos, as semelhanças inclusive os ecos são mais surpreendentes que as diferenças. (STRAWSON, 2008, p. 26)

Em outra passagem cita Strawson:

Este é um esboço (que o próprio Wittgenstein completa com muito mais força e sutileza) de um enfoque puramente naturalista, uma redução naturalista, poder-se-ia dizer, da questão do significado — e de tudo o que a acompanha. Mas, é claro, devemos nos perguntar se essa abordagem abrange realmente os fenômenos — todos os fenômenos. Pode realmente fazer justiça à nossa experiência, à experiência, por exemplo, de reconhecer coisas particulares como pertencentes a certa classe ou caráter geral? Pode realmente fazer justiça, para ecoar a frase usada agora há pouco, à fenomenologia do pensamento? Pode mesmo — para parodiá-la — fazer justiça à maneira como concordamos em achar natural falar de nossa experiência, de nosso pensamento e de nossa própria fala? (STRAWSON, 2008, p. 95)

Há uma lacuna que Strawson considera como sendo insuficiente na terapêutica. O elemento naturalista em Wittgenstein versa sobre os modos de vida que fornecem a possibilidade descritiva para reunir lembretes daquilo que deve ser o uso efetivo de nossa linguagem, sendo assim, a limpeza conceitual, que é importante, precisa, segundo Strawson, ser completada com um elemento positivo.

O próprio Strawson indica que estamos diante de um autor que nos fornece inúmeras interpretações, e ele não é categórico em afirmar uma interpretação que evoque uma insuficiência tácita do filósofo austríaco, antes, o que ele propõe é, como aponta Glock (2011, p. 52), uma reorientação para a discussão das bases implícitas de nossos conceitos, de modo a expor a ligação entre ontologia, epistemologia e lógica. O naturalismo de Strawson tem por objetivo assumir uma característica diferente, não redutiva, não pressuposicional dos nossos conceitos; isso só é possível ao considerar elementos implícitos dos nossos comprometimentos psicológicos [natural-liberal] sustentado pela sua posição de uma metafísica descritiva.

A metafísica foi amiúde revisionista e, com menos frequência, descritiva. A metafísica descritiva contenta-se em descrever a estrutura real do nosso pensamento sobre o mundo [...]. (STRAWSON, 2019a, p. 14)

O que lhe interessa nesta perspectiva é o núcleo que não se altera, um núcleo humano que não possui história (STRAWSON, 2019a, p. 15), e que pode ser problematizado com o aporte implícito, destacando como o fundamento de correção de qualquer uso externo de nossos conceitos é considerado por uma reorientação do eixo naturalista de Wittgenstein. A influência declarada de Wittgenstein no pensamento de Strawson, no que tange ao objetivo da investigação filosófica, se mantém por uma completa modificação do modelo histórico de interconexão prática dos conceitos como idealizado por Wittgenstein. O pilar de transposição histórico de Spengler em Wittgenstein é alterado na obra de Strawson pela reinterpretção de diversos autores metafísicos. O filósofo londrino quer dar um passo atrás e considerar um vínculo entre conceitos explícitos e implícitos, por meio de nossas interações naturalmente dadas.

Nenhum filósofo entende seu predecessor até que tenha repensado seu pensamento em seu próprio vocabulário contemporâneo e é característico dos maiores filósofos, com Kant e Aristóteles, que eles, mais do que quaisquer outros, recompensem esse esforço de repensar. (STRAWSON, 2019a, p. 15)

Até aqui realizamos uma conexão hermenêutica sobre os processos de influência entre Wittgenstein e Strawson, nosso interesse foi apresentar os eixos entre o mais famoso pensador da analítica, e de sua importância terapêutica que nos possibilitou abrir caminhos em um campo no qual parece reinar o capricho e a incerteza dos conceitos, e a posição de Strawson, professor e um dos mais importantes pensadores da era de ouro de Oxford que pretende oferecer um aspecto positivo à questão do fundamento da estrutura conceitual. Ambos nos possibilitaram entender a

filosofia, ou ao menos suas posições, como um processo de influência, com isso, de certa forma, eles apenas estão rearranjando as cartas na mesa olhando o fenômeno linguístico. Na última seção queremos apenas apresentar com base no pensamento strawsoniano uma possibilidade ou uma demanda de que este processo continue, mas agora considerando o fenômeno da linguagem em um mundo hiperconectado.

Considerações finais

Embora não conclusivo, o ponto principal que se tornou o grande interesse de Wittgenstein na sua fase pós-1929, a saber, a influência do naturalismo e a morfologia de Goethe, fez com que o pensador austríaco encontrasse um novo rumo para o pensamento analítico, sua perspectiva sobre qual deve ser o interesse da filosofia é o mesmo presente em Strawson, como o próprio Strawson afirma, se há um objetivo filosófico que ele toma de alguém é exatamente o de Wittgenstein. Nesta medida ambos os autores são reprodutivos, o que nos permite indicar uma linearidade das influências e perspectivas que estão presentes nos dois pensadores, no entanto, destaca-se que há mudanças pontuais entre eles, ali onde Wittgenstein aliou a morfologia naturalista com a história, e portanto, reconduzindo os conceitos da metafísica para a prática e assim negando uma segunda ordem para os conceitos, Strawson tentou construir [e a meu ver com méritos], uma análise gramatical que tenta ir mais fundo nos mecanismos naturais envolvidos em nosso sistema de pensamento, não se opondo aos conceitos explícitos, o que abarcaria as ciências e suas linguagens técnicas, mas afirmando que elas tendem a pressupor ao invés de expor as nossas estruturas cognitivas. Por fim, cremos que o núcleo morfológico de Goethe parece se manter influente e atingindo, mesmo que indiretamente, o pensamento de Strawson, no entanto, o ponto de rompimento pode se dar pela falta de abrangência que tal morfologia teria em uma perspectiva histórica totalizante, como é o caso da influência de Spengler em Wittgenstein.

Referências Bibliográficas

- HACKER, P. M. S. *Wittgenstein's Place in Twentieth-Century Philosophy*. Oxford: Blackwell, 1996.
- RIBEIRO, N. Goethe, Spengler e a morfologia da linguagem em Wittgenstein. *Griot: Revista de Filosofia*, v. 15, n. 1, jun., 2017.
- STRAWSON, P. F. *Análise e metafísica: uma introdução à filosofia*. Tradução de Armando Mora de Oliveira. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.
- _____. *Ceticismo e Naturalismo: algumas variedades*. Tradução de Jaimir Conte. São Leopoldo-RS: Ed. UNISINOS, 2008.
- _____. *Indivíduos: um ensaio de metafísica descritiva*. Tradução de Plínio Junqueira Smith. São Paulo: Ed. Unesp, 2019a.
- _____. Um fragmento de autobiografia intelectual. In: CONTE, J.; GELAIN, I. L. (Orgs.). Tradução de Jaimir Conte. *P. F. Strawson e a Tradição Filosófica* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Ed. Fi, 2019b.
- TECHIO, J. Strawson e Wittgenstein. In: CONTE, J.; GELAIN, I. L. (Orgs.). *P. F. Strawson e a Tradição Filosófica* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Ed. Fi, 2019.
- WITTGENSTEIN, L. *Culture and Value/Vermischte Bemerkungen*. Edited by G.H. von Wright in collaboration with Heikki Nyman, revised edition of the text Alois Pichler, translated by Peter Winch. Oxford: Blackwell, 1998.

_____. *Investigações Filosóficas*. São Paulo: Ed. Nova Cultura Ltda, 2000.

_____; WAISMANN, F. *The Voices of Wittgenstein: The Vienna Circle*. Original German texts and English translations transcribed. Translated by Gordon Baker, Michael Mackert, John Connolly and Vasilis Politis. London; New York: Routledge, 2003.